

JOÃO WESLEY E AS CRIANÇAS

Como é que João Wesley se relacionava com “os pequeninos” tão amados e valorizados por Jesus?

Com quase 88 anos de idade, no fim da sua vida, Wesley era homem famoso. Ao longo dos anos, muitos livros sobre ele têm enfatizado várias facetas da sua vida e obra. Thomas Coke e Henry Moore publicaram uma biografia dele em 1792, no ano depois da sua morte, enfatizando “o grande avivamento da religião na Europa e América da qual ele foi o primeiro e principal instrumento”. Além de fundador do movimento metodista, ele é visto como evangelista, reformador social, teólogo, educador, filantropo... a lista vai longe. Nesse ensaio olhamos uma outra faceta, sua valorização das crianças.

I. O Presbitério de Epworth

Nosso ponto de partida será seu relacionamento com os seus nove irmãos e irmãs que chegaram à maturidade, no acolhedor ambiente da casa pastoral de Epworth onde ele foi criado.

As experiências do presbitério de Epworth influenciaram profundamente as idéias e práticas de Wesley na relação com as crianças. As únicas crianças com que João Wesley convivia na infância eram seus irmãos e irmãs. Também, a sua formação até os dez anos de idade era exclusivamente familiar, com a exceção de alguns meses depois do famoso incêndio de 9 de fevereiro de 1709, quando Joãozinho foi salvo como uma “tição tirado do fogo”. Nesta noite todos os filhos eram distribuídos entre vizinhos. Suzana Wesley era a mestre-escola de sua família, pois não havia escolas públicas. Também, sendo descendente de fidalgos, não permitiu que seus filhos convivessem com os paroquianos.

Devemos notar brevemente algumas das características do lar de Wesley. Era um lar onde a frugalidade era necessária. O Reverendo Samuel sempre tinha um ordenado pequeno, e a família aumentava de ano para ano. A este problema, devemos acrescentar o fato de que o corajoso ministro granjeou má vontade por parte dos paroquianos. Em parte isso era devido ao fato de ser ele da classe alta, enquanto seus membros eram pobres e incultos. Mais sério, porém, é que ressentiam pela condenação dos seus pecados e vícios. Também, eles não apreciavam o seu ponto de vista político. Em 1702, este

ressentimento se expressou num incêndio parcial da casa pastoral. Sete anos mais tarde agiram novamente, apunhalando algum do seu gado, destruindo-lhe a roça, ameaçando sua vida, e queimando totalmente sua casa. Tudo isso tanto abalou as finanças da família que 13 anos depois do incêndio, a casa estava mobiliada somente pela metade, e a família sem roupa adequada. Samuel Wesley era membro da “Convocação”, o corpo governante da Igreja Anglicana; este encargo exigia ausências prolongadas da paróquia, durante o qual ele precisava providenciar um **cura** para suprir a sua falta.

Apesar das finanças limitadas, conseguiu a melhor educação possível para seus filhos. Com este acúmulo de dificuldades, não nos surpreendemos com o fato de que tenha se endividado, e tenha sido lançado na prisão, sendo que a prisão por dívidas neste tempo era fato comum. É celebre a conversa entre Susana e o Arcebispo de York: “Dize-me, senhora Wesley, se de fato, jamais sentiste falta de pão”. “Meu Senhor”, respondeu ela, “para dizer a verdade, nunca me faltou o pão; mas tenho tido tanto trabalho para arranjá-lo antes de o comer, e para pagá-lo depois, que muitas vezes ele me é muito amargo e julgo, que ter-se pão em tais condições se aproxima bem do grau de miséria do que não tem nenhum”.

Era um ambiente onde se prestigiava o saber. O pai da família era homem erudito, e terceira geração de diplomados pela Universidade de Oxford. Entre os seus escritos consta as “Dissertações sobre Jó”, que ele dedicou à Rainha Carolina. Esta obra é, muitas vezes, ridicularizada por escritores modernos; porém, conforme escreve McConnell, o livro era apreciado naquele tempo, e muitos do clero o compraram. A mente da mãe, Susana, se deleitava com questões teológicas e filosóficas. Pouco antes de atingir seus 13 anos, ela havia passado em revista toda a matéria em disputa entre os dissidentes e anglicanos, e optado pela doutrina anglicana. Os filhos herdaram este gosto pela cultura.

Wesley solicitou à mãe que descrevesse seu método de educação. Ela fez numa carta de 24 de Julho de 1732 que ele publicou no Diário, sob data de 1 de agosto de 1742, a data da morte da progenitora.

Chegando à idade de 5 anos, cada criança era ensinada a ler; todos menos Molly e Nancy, aprenderam o alfabeto em um só dia; estas requererem um dia e meio. Sua cartilha de leitura era o primeiro capítulo de Gênesis. Samuel, por exemplo, aprendeu o alfabeto em poucas horas; no dia 11 de fevereiro até a Páscoa, já lia todo o primeiro capítulo de Gênesis correntemente. Hetty,

geralmente considerada a mais brilhante da turma, aprendeu o grego aos 8 anos. Marta, teve a infelicidade de casar-se com um homem que veio a pregar e a praticar a poligamia, mesmo assim, pelo brilho do seu intelecto, fora convidada para fazer parte do círculo do Dr. Johnson, figura máxima da elite intelectual da Inglaterra da época.

Era um lar onde a religião era tomada a sério e onde reinava a disciplina. Certamente não poderia ser de outra forma. Samuel era filho e neto de pastores dissidentes, e, estudando para o ministério dissidente na famosa Academia de Stoke Newington, convenceu-se que os Anglicanos tinham razão. Abandonado a Academia, foi para Oxford onde arrolou-se como “aluno pobre” no Colégio Exeter. Já vimos como Susana havia deixado a Igreja do seu pai, por causa da consciência. Descendentes de gerações de pregadores, e, pessoalmente convictos da realidade da religião, era inevitável o reflexo disto no seu lar. Dois breves parágrafos da carta já citada bastam para ilustrar o que queremos dizer:

As crianças da família eram ensinadas, tão logo soubessem falar, a oração dominical, que tinham que dizer sempre ao levantar e no deitar; a isso se acrescentava à medida que cresciam, uma curta oração pelos pais, algumas coletas, um catecismo menor, e alguma porção da Escritura, conforme as suas memórias permitissem.

Cedo tiveram que distinguir entre o Domingo e os outros dias, antes deles poderem falar ou andar. Logo eram ensinadas a ficar quietas no culto doméstico, e a pedir uma benção imediatamente depois, o que faziam por sinais, antes de poderem ajoelhar-se ou falar.

Alguns dos bons hábitos se perderam quando, depois do incêndio, os filhos passaram alguns meses com outras famílias. Para corrigir estas faltas, um novo regime se instalou: Iniciou-se o costume de cantar salmos ao começar e ao encerrar a escola de manhã e à tarde. Também o costume do retiro geral foi iniciado quando o maior se encarregava do menor, o segundo ao penúltimo e assim sucessivamente lendo diariamente um Salmo ou um capítulo do Novo Testamento. De manhã, eram instruídos a lerem os salmos e um capítulo do Antigo Testamento. Depois disto tinham as suas orações particulares, antes de receber o seu desjejum ou entrar no convívio familiar. A disciplina era rígida, tão rígida que alguns estudiosos da vida de Wesley tendem a crer que era completamente falho no elemento de alegria. Porém em uma carta, João expressa saudades de casa dizendo: “Epworth, que ainda amo acima de todos os lugares no mundo.”

Quando faziam um ano eram ensinadas a temer a vara e a chorar suavemente. Por esse meio eles escaparam uma abundância de correção que eles teriam de receber de outra forma. ...e assim a família vivia em silêncio como se não tivesse uma criança entre eles.... Comiam o que se colocava diante delas, na hora da refeição, sem ser-lhes permitido comer ou beber a outra hora, salvo em caso de doença....

O nome de Deus tomado em vão, blasfêmias e juras, profanidade, obscenidade, nomes rudes e mal-educados nunca se ouviam entre elas.... Entre as regras do ‘regulamento interno’ constava a seguinte: “que nenhuma ação pecaminosa, como mentira, pequeno roubo, brincadeira na igreja ou no dia do Senhor, desobediência, briga, etc passa-se sem castigo.” As horas de brincadeiras eram regulamentadas.

Sob a mesma data 1742, Wesley transcreveu uma outra carta que Susana havia escrito ao marido. Ela costumava, uma vez por semana, conversar com cada um dos filhos separadamente, concernente as coisas de Deus e os seus interesses espirituais. “Tomo tal proporção do tempo que posso todas as noites conversar com cada criança à parte... na 5^a feira com Joãozinho ...”

Eis alguns dos aspectos do lar em que Wesley foi criado, e as crianças que eram quase seus únicos companheiros durante os primeiros 10 anos de sua existência. O método de sua mãe em criar filhos influenciou fortemente no trabalho que Wesley realizou com crianças mais tarde.

II . O CLUBE SANTO E AS CRIANÇAS

A natureza do “clube santo” é geralmente conhecida. Nas palavras de Paulo aos Coríntios, Carlos Wesley o “plantou” em começos de 1729, quando João estava em Wroote como cura de seu pai; porém voltando em novembro para tomar o seu lugar no corpo docente do Colégio Lincoln na Universidade de Oxford, João “regou”, e Deus deu o “incremento” (I Co 3.6). Jackson resume uma carta de Carlos Wesley, onde comenta o apelido “Metodista”, nas seguintes palavras: “Tinha referência à conformidade com o método e as práticas estabelecidas pelo estatuto da universidade, que ele e os seus amigos religiosos professavam querer atingir”.

Tomavam a comunhão semanal, e não trimestralmente como os outros alunos. Porém, quando João chegou ele imediatamente formou o grupo (só de quatro pessoas) em uma sociedade “para que pudessem, de maneira ainda

mais regular e sistemática, promover, um do outro, o melhoramento intelectual, moral e espiritual. Resolveram passar 3 ou 4 noites por semana juntos, lendo o Novo Testamento em grego e os clássicos gregos e latinos. Aos domingos, liam teologia”.

Porém esta pequena sociedade literária logo descobriu outros canais para a sua expressão . Em 1730, Guilherme Morgan visitou no castelo, um réu, condenado pelo crime de assassinato a sua própria esposa. Impressionado sobremaneira com a condição dos presos, persuadiu os outros a fazerem visita sistemática às prisões. Escrevendo para o seu pai com respeito a esta visita, João Wesley recebeu uma carta em que Samuel escreveu: *Valde probo* (Aprovo grandemente), e recorda o seguinte: “quando era acadêmico em Oxford, visitei no Castelo aí, e me lembro disso com grande satisfação até o dia de hoje”.

Isso foi o começo de um serviço social de considerável alcance, inclusive a visita dos pobres, a educação dos seus filhos, etc. Entre as regras do Clube santo constam as seguintes na forma de perguntas: Será que não podemos tentar fazer o bem para os que estão famintos? Não podemos contribuir o pouco que temos para que seus filhos tenham roupa e sejam ensinados a ler? Não podemos ver se são ensinados sem catecismo as orações curtas para a manhã e a noite?

Obter-se pormenores desses serviços é difícil, mas há sugestões nas cartas de vários membros do “Clube Santo”. Um dos mais ativos era Guilherme Morgan . Na carta acima mencionada, Wesley descreve as atividades dele com as crianças. Frequentemente entrava nas casas dos pobres nas vilas ao redor de Holt, ajuntando as crianças e as instruindo no seu dever para com Deus, ao próximo, e si mesmas. Explicava-lhes a necessidade de oração privada e pública e proporcionava-lhes as formas mais apropriadas para as suas respectivas capacidades; e reconhecendo o quanto do sucesso dos seus esforços dependia da boa vontade delas, distribuía entre elas um pouco do dinheiro poupado do jogo e dos outros gastos comuns no lugar (Oxford). Uma carta de Gambold lança mais luz sobre as atividades de Morgan. Ele gostava muito de praticar obras de caridade; mantinha várias crianças na escola. É provável que os outros membros fizessem serviços semelhantes. João Clayton escreveu das suas atividades dizendo: “A mulher soletra mais ou menos, e também um dos rapazes... Os rapazes recitam o catecismo até o fim dos Mandamentos, e podem repetir as orações para crianças da manhã e da tarde, do Manual de Ken”.

Além dessas atividades mais esporádicas, os Metodistas de Oxford estabeleceram uma escola para crianças pobres. Com o seu dinheiro e com alguma ajuda de fora, pagavam a professora, e até ajudavam a vestir as crianças. Numa época quando não existiam escolas públicas e quando os pobres eram esquecidos pela Igreja, Wesley e os seus companheiros se mobilizaram para ensinar as primeiras letras para os pobres da redondeza, proporcionando-lhes também os rudimentos da religião, como então a compreendiam.

Quando os irmãos Wesley, Benjamim Ingham e Carlos Delamotte embarcaram para Georgia em 14 de outubro de 1735, o Clube Santo não desapareceu em Oxford. Mas estes quatro jovens estabeleceram uma “filial” do Clube no Novo Mundo. Por isso, podemos, sem contradição, tratar da Missão de Georgia como uma fase das atividades do Clube Santo. O Dr. João Burton, do Colégio de Corpus Christi, que havia apresentado João Wesley ao General Oglethorpe, fundador da Colônia de Georgia, como possível candidato, Burton deu valioso conselho ao jovem missionário antes de embarcar. Aconselhou que não esperasse até chegar em Georgia para começar a sua obra, pois a viagem oferecia esplendidas oportunidades para o serviço missionário. De que Wesley aceitou o conselho é ampla testemunha a seguinte passagem do Diário: Das 9 às 12 “ Senhor Ingham instruía as crianças ... As 4 da tarde havia oração vespertina quando a segunda lição era explicada ... ou as crianças eram catequizadas e instruídas, na presença da congregação” (21/10/1735). É certo que a maior parte do tempo destes “ metodistas” não era gasta com crianças; os adultos exigiam mais tempo. Mas as crianças não eram esquecidas.

Em Georgia, João Wesley fora pastor em Savannah, e, por algum tempo, teve a responsabilidade do cuidado espiritual de todas as almas da colônia. Carlos Delamotte se dedicava com à educação mas Wesley também se preocupava com as crianças, como vemos na seguinte citação do *Diário*:

Um jovem que viera comigo ensinava entre 30 e 40 crianças a ler, escrever e contar. Antes da escola de manhã, e depois da escola à tarde, ele catequizava a classe inferior, e tentava fixar algo que disse, na compreensão. Nos sábados à tarde, eu catequizei todos. O mesmo faço aos domingos, antes do culto da noite. E na Igreja, logo depois da Segunda Lição, um número escolhido delas tendo repetido o catecismo, tento explicar e reforçar aquela parte, tanto a eles como à congregação.

Fitchett nos conta um incidente que revela muito do caráter do jovem anglicano. Na escola, os alunos mais pobres iam descalços, e os outros viam-nos com desdém. Para livra-los desse orgulho, o próprio Wesley foi por algum tempo descalço.

Depois de devidamente preparados, Wesley admitiu quatro crianças à Mesa do Senhor no dia de Pentecostes de 1737. Comenta no Diário. “Espero que o seu zelo tenha despertado muitos que neste tempo, o Espírito de Deus estava se movendo sobre as mentes de muitas crianças. Começaram a atender mais às coisas faladas tanto em casa como na Igreja, e uma notável seriedade apareceu no seu agir e conversar”.

III. Escolas e Orfanatos

Já tivemos ocasião de notar que Wesley visitara, e ficara profundamente impressionado pelos orfanatos de Halle e Herrnhutt. Ele transcreveu um “extrato da Constituição da Igreja dos Irmãos Moravianos de Herrnhutt, apresentado à ordem teológica de Wirtemberg, no ano de 1735”. O décimo-segundo parágrafo trata do seu orfanato.

No orfanato, mais ou menos 70 crianças são criadas separadas conforme o sexo, além de que, algumas pessoas experimentadas são nomeadas para consultar com os pais na educação dos filhos. Para ensinar-lhe o cristianismo, usamos o catecismo de Lutero, e estudamos para corrigir as vontades bem como a sua compreensão, achando que quando a vontade se move, aprendem mais em poucas horas do que em muitos meses de outra forma. As criancinhas instruímos principalmente por meio de hinos, onde descobrimos que as verdades mais importantes são insinuadas em suas mentes.

O Metodismo na Inglaterra se organizou em redor de três cidades, formando um triângulo: Bristol, Londres e Newcastle-on-Tyne. Em todos esses centros, estabeleceram-se sociedades fortes, com propriedades amplas, tendo acomodação para os pregadores, salões que comportavam grandes auditórios, salas para as classes, círculos, etc. E, em todas as localidades havia escolas onde as crianças eram ensinadas, e, até um certo ponto, hospedadas. Além das crianças que recebiam instrução no chamado “Salão Novo” de Bristol, bem perto se estabeleceu a escola Kingswood para os filhos dos pobres mineiros de carvão, que se tornaram tão importantes na vida do Metodismo no seu começo.

A Escola Kingswood se tornou o objeto de um afeto invulgar; causou-lhe grandes desapontamentos e não poucas lágrimas; porém o seu amor e interesse neste empreendimento mantiveram-se firmes até o término da sua carreira. Whitefield havia sido o primeiro pregador entre os mineiros de Kingswood, ganhando muitas vidas para Cristo. Logo percebeu a necessidade para estabelecer uma escola para seus filhos, e iniciou uma campanha financeira. Porém, como já mencionamos, ele partiu logo deixando a pregação nas mãos de João Wesley; também entregou-lhe o pequeno fundo e a responsabilidade de realizar a obra da construção da escola. Um dia o Dr. Church disse a Wesley, “Tu chamas a Kingswood da tua própria casa.” Wesley respondeu: “De fato, a saber, o prédio escolar aqui. Pois comprei o terreno onde foi erguido, paguei a sua construção, em parte de contribuições dos meus amigos, um dos quais contribuiu com 50 Libras esterlinas; em parte da renda do meu soldo”. Referindo-se ao começo da construção em Junho de 1739. Wesley descreve a escola em Novembro do mesmo ano. “Para que os filhos (dos mineiros) pudessem saber as coisas que fazem a sua paz, resolveu-se, há algum tempo atrás, construir uma casa em Kingswood... Aqui um grande salão foi começado, com 4 pequenas salas para a acomodação dos mestres-escolas (e, talvez, se agradar a Deus, algumas crianças pobres) morarem... É verdade que os mestres não requerem salários, porém o trabalho é acompanhado de grandes despesas. Mas que Ele que ‘alimenta os corvos’ atenda a isso”. (Diário, 27/11/1739)

João Cennick, o primeiro pregador leigo do metodismo, fora escolhido como o primeiro mestre-escola. Além de ministrar os ensinamentos às crianças da escola, ele dirigia cultos para membros da sociedade, pois a Escola tornou-se o centro de grande núcleo metodista. Até a Santa Ceia era ministrada aqui, pois os Metodistas não eram recebidos à Comunhão nas Igrejas Anglicanas de Bristol.

Apesar dos erros pedagógicos que eram praticados nesta escola, houve resultados positivos, tanto no setor da cultura, quanto no de religião. Em 1768, por exemplo, houve grande evidência do poder de Deus entre os rapazes da escola. No *Diário*, do dia 6 de maio do referido ano, Wesley cita frases de cartas recém-chegadas como as seguintes: “A casa inteira retumba com louvor e oração, e o pleno comportamento das crianças fala fortemente por Deus”. Também: “ O derramamento do Espírito sobre as crianças tem sido muito grande. Creio que não exista nenhuma criança que não seja mais ou menos alfabetizada. Doze já acharam paz com Deus, e algumas delas de maneira notável”. Era uma parte dum reavivamento da redondeza, resultando num

acréscimo de 130 membros à sociedade de Kingswood na escola, onde não só as crianças e também algumas empregadas foram despertadas, o mesmo se deu.

O referido despertar começou com uma pregação de Wesley enquanto explicava e reforçava “os primeiros princípios de religião.” A seriedade aqui manifesta foi muito aumentada dois dias depois quando a maioria assistiu ao ofício fúnebre de Francisco Evans, e o mestre Hindmarsh reuniu todos e os exortou, cantando o hino que começa “Sou eu nascido para morrer e deixar este corpo...”

Quando ele começou a orar, algumas das crianças começaram a clamar e pedir misericórdia. Parece que alguns destes mantiveram-se firmes, mas outros se esfriaram, até a visita de Ralfo Mather em agosto de 1773, quando o poder de Deus se manifestou novamente. Nós gostaríamos de saber o resultado permanente destes avivamentos; podemos ter certeza que nem todas as crianças ficaram firmes até o fim. Porém, devemos nos lembrar que nem todos os adultos que dão o “primeiro passo” se integram nas fileiras da Igreja.

Mas aqui queremos enfatizar o fato de que, apesar de toda a dificuldade que esta Escola trouxe para Wesley, o seu amor para com ela era constante. Apesar do fato que ele certamente tenha empregado métodos de pedagogia dos quais discordamos, como por exemplo, a ausência de brincadeiras, ele se esforçou por mais de 50 anos para que as crianças da Escola tivessem os valores de verdadeiro ensino numa atmosfera cristã.

O Centro Metodista de Newcastle recebeu o nome “Orfanato”, por causa de Halle. Também aqui Wesley prodigalizou seu amor e suas energias. Não contaremos essa história, pois seria quase uma repetição de Kingswood. Porém, convém mencionar que a sua própria escritura cita o fato de que providenciaria uma escola para 40 crianças pobres com um professor. No mesmo local, organizou-se mais tarde, uma “escola diurna mista de criancinhas” e uma “escola Industrial feminina”.

Vejam as palavras de Wesley com referência à escola que se abrigava na “Fundição” de Londres. Muitas crianças não recebiam instrução alguma por causa da pobreza do país, ou, quando a recebiam, aprendiam junto toda a espécie de vício e pecado. Portanto Wesley escreveu:

Finalmente resolvi mandar ensiná-las na minha casa (isto é a Fundição), para que tivessem uma oportunidade de aprender a ler, escrever e contar

(se não mais) sem serem obrigadas a aprenderem o paganismo ao mesmo tempo; depois de algumas tentativas sem sucesso, achei 2 mestres-escolas como queria, homens de honestidade e de conhecimento suficientes, que tinham seus talentos e corações no trabalho. Têm agora sob seus cuidados mais ou menos 60 crianças; os pais de algumas pagam seu ensino; porém, a maior parte, sendo bastante pobres, não pagam, de modo que as despesas são pagas por contribuições voluntárias. Ultimamente temos vestido também, a todas quantas necessitassem. Uma feliz mudança foi logo observada no seu comportamento. Aprenderam a ler, escrever e contar logo; ao mesmo tempo eram diligentemente instruídas nos princípios básicos da religião, e exortados a temer a Deus e [**operar** sua salvação]. (Fl 2.12)

O Mestre que Wesley descobriu era Silas Told; ele abandonou seu negócio para ganhar 10 xilins por semana como professor. Logo ajuntou 60 rapazes e 6 meninas. Durante 7 anos trabalhou desde as 5 da manhã até às 5 da tarde, durante o qual lecionou umas 300 crianças, preparando a maioria para o ofício útil.

A obra educativa e caritativa começada por Wesley jamais teve fim. Na Inglaterra hoje em dia há umas 130 escolas Metodistas, e 40 orfanatos abrigando 4.000 órfãos. A mesma história se repete por todo o mundo onde o Metodismo tem se estabelecido.

Além das escolas mantidas pelo próprio Wesley havia um número delas dirigidas por moças ou senhoras, metodistas ou simpatizantes pelas quais ele se interessou. Ele mantinha correspondência com as mestras, dando sugestões sobre o ensino, ou encorajamento e apoiando o trabalho. Wesley visitava estas escolas quando possível. Por exemplo, seu *Diário* nos informa de visitas que fez a uma escola mantida por Lady Maxwell, perto de Edinburgh, Escócia, onde 40 alunos aprendiam “a ler e escrever” e “os princípios da religião”. Lemos da escola da Senhorita Owen, de Publow, cuja existência era devida ao encorajamento dado por ele. Ela limitava a matrícula a mais ou menos 20 alunos. Numa ocasião, depois, da pregação de Ralph Mather, entre os 21 alunos matriculados nesta escola, 20 tiveram uma experiência de religião. A Senhorita Bosanquet havia estabelecido um orfanato em Leytonstone, e achou uma escola verdadeiramente cristã; isto é o que Kingswood seria, se tivesse tais dirigentes. Mencionamos mais um exemplo, a escola da Senhorita Bishop: Wesley disse, “É digna de ser chamada uma escola cristã”.

IV. Escolas Dominicais

A parte notável do Metodismo no desenvolvimento das Escolas Dominicais merece a nossa atenção. Porém, antes de Ana Ball, fundadora da primeira Escola Dominical, Wesley havia providenciado cuidado especial para as crianças das Sociedades Metodistas. Wesley organizou, onde possível nas sociedades espalhadas por toda a Inglaterra, “classes” para as crianças, ou, pelo menos, reuniões especiais para elas. Ele reconhecia a dificuldade de tais reuniões, porém insistia com seus pregadores para que a efetuassem. Na Conferência de 1770, esta recomendação foi renovada. Wesley descobriu na Escola Dominical o instrumento perfeito para a instrução das crianças.

Podemos afirmar que uma das partes mais valiosas da herança metodista para o mundo é a Escola Dominical. Não só porque Ana Ball, uma líder Metodista da Sociedade Metodista de High Wycomb, organizou sua escola em 1769 mais de uma década antes daquela de Roberto Raikes. Também a mão Metodista é mui evidente na fundação da escola do próprio Raikes. Num determinado dia 1781, Raikes estava conversando com uma moça metodista (Sofia Cookes), mais tarde a esposa de Samuel Bradburn, pregador leigo. Ele olhou e viu um grupo de crianças negligenciadas que andavam na rua. Perguntou ele: “Que podemos fazer por elas?” A sua resposta acertada foi: “Vamos ensina-las a ler e levá-las à Igreja”. Seguiram esta sugestão no Domingo seguinte. Muitos riram-se da processão de um jornalista, uma moça e uma turma de moleques em farrapos. Conseguindo regular sucesso com a experiência, Raikes mencionou algo da sua Escola Dominical no seu Jornal, em 3 de Novembro de 1783; no ano seguinte, escreveu mais pormenores do seu plano. Mais uma vez notamos a parte do metodismo nos primeiros anos da Escola Dominical; pois Wesley transcreveu na *Revista Armeniana*, uma revista lida por metodistas e outros por toda Grã-Bretanha, o artigo todo de Roberto Raikes, recomendando que os pregadores metodistas estabelecessem tais escolas.

Numa carta dela a Wesley em 1770. Ana escreve: “As crianças se reúnem duas vezes por semana, aos domingos e segundas-feiras. É um grupo meio-selvagem, mas parece receptivo à instrução. Trabalho entre eles com a ânsia de promover os interesses de Cristo”.

A Escola Dominical de Bolton mereceu a atenção especial de Wesley. Na sua primeira visita à Escola, verificou o seguinte: “A casa estava repleta, principalmente por causa de 550 crianças que são instruídas em nossas

Escolas Dominicais. Tamanho exército cercou-me de tal maneira que mal pude sair da capela”. Parece que foi nesta ocasião que pregou, do Salmo 34:2, um sermão para as crianças, não usando nenhuma palavra de mais de duas sílabas. Visitando a Escola no ano seguinte, Wesley descobriu que a matrícula era de 800 crianças pobres com um corpo docente de 80”. O ano seguinte Wesley escreveu: “Mais ou menos às 15 horas, reuni entre 900 e 1000 crianças pertencentes as nossas Escolas Dominicais. Nunca vi tal cena antes. Estavam todas limpas e vestidas com simplicidade, sérias e bem comportadas. Quando cantaram em conjunto, ninguém desafinou e a melodia era melhor do que a de qualquer teatro. E, o que é melhor de tudo, muitos verdadeiramente temem a Deus e alguns se regozijam na sua salvação. São modelos para a cidade inteira. Ele escreveu na *Armenian Magazine* sobre a Escola em apreço: “As crianças são transformadas nas suas maneiras de agir e na moral. São ensinadas a ler e a escrever. Mais ou menos 100 são ensinadas a cantar. Os mestres enfatizam o amor de Deus. Cada classe é instruída separadamente, cada Domingo, sobre a natureza da religião”.

De acordo com o seu gênio, Wesley viu o valor deste ramo de educação. Numa carta, descreveu as Escolas Dominicais como “uma espécie de caridade mais nobre que se estabeleceu desde o tempo de Guilherme, o Conquistador”. Via que seria um excelente instrumento para o reavivamento da religião por toda parte da nação. Depois de uma visita à Escola Dominical Interdenominacional de Bingley, Wesley escreveu no *Diário*: “tantas crianças (240) numa paróquia são impedidas da prática de pecados, e ensinadas nas boas maneiras, pelo menos, bem como a ler a Bíblia. Por onde quer que eu ande, encontro destas escolas nascentes. Quem sabe se Deus não tem um propósito mais profundo para elas do que os homens reconhecem? Quem sabe se algumas delas serão sementeiras para os cristãos?” Ele escreveu uma carta encorajadora a Carlos Atmore, que acabara de estabelecer uma Escola Dominical em Newcastle, dizendo que a considerava “uma das melhores instituições vistas na Europa por alguns séculos.”

Uma parte do gênio de Wesley se ilustra pelo fato de ter ele visto neste grupo “meio selvagem mas receptivo à instrução” as sementes para um movimento que proporcionaria os ensinamentos religiosos para as grandes massas do mundo.

Se podemos afirmar que Wesley desconhecia a psicologia da criança, nunca podemos dizer que faltasse amor pelas crianças. Especialmente nos últimos volumes do *Diário*, quando Wesley havia atingido uma venerável

idade e quando a “neve das décadas havia alvejado os seus cabelos”, notamos um interesse e uma ternura pelas crianças que são tocantes. Em fevereiro de 1770, Wesley estava lendo “Emile, ou de l’Education” de Rousseau, onde discorda com o francês que afirmava “criancinhas nunca amam os velhos”. Quem sabe estava lembrando a sua própria experiência com os “netos” quando diz: “Não! Será que nunca amam os seus avós? Muitas vezes mais do que os próprios pais”. E, com grande sabedoria, comenta ainda: “Deveras, elas amam a todos que as amam”.

Wesley demonstrava verdadeiro afeto pelos sobrinhos, filhos de Carlos, bem como a filha da sua esposa (Mary Vazeille), que tratava como verdadeira filha, junto com a família dela. Não sabemos muito sobre a intimidade entre o tio e os sobrinhos, filhos de Carlos. Mas João seguiu com algum interesse a carreira musical que desabrochava em Carlos Filho e Samuel, que eram verdadeiros prodígios. Podemos desculpar o orgulho de pai que Carlos mostra nesta linha do narrativo referindo-se a Carlos filho com 2 anos e meio. “Ele me surpreendeu por tocar uma melodia no cravo com felicidade e a tempo”. Samuel, que era pouco mais atrasado, só aprendeu tocar aos 3 anos! Mas já compunha melodias aos 5 e 6 anos, antes de saber escrever; compôs um oratório inteiro aos 8 anos! Em reconhecimento ao seu talento, João Wesley presenteou o sobrinho Carlos com 3 volumes da música da catedral de Dr. Boyce, que mais tarde foi professor dele. Mais adiante, quando estavam morando em Londres, começaram os dois a dar mensalmente concertos na sua casa onde assistia a “elite” da cidade. No segundo ano, o tio João passou “uma hora agradável” ouvindo a música dos seus sobrinhos; na ocasião encontrou-se entre os assistentes com o seu velho amigo General Oglethorpe.

Sabemos que Sara, filha de Carlos, acompanhou o velho tio na viagem para Holanda em 1783 quando o venerável pregador tinha quase 80 anos. A rua estava cheia de crianças, que corriam para cá e para lá ao redor de Wesley. Depois da pregação, todas as crianças cercaram-no. Wesley testifica que “não ficaram satisfeitas antes de eu apertar a mão de cada uma delas” (5/04/1782). O fato de um homem que considerava cada momento de grande valor, tanto que o famoso literato Samuel Johnson se queixava que nunca se contentava em esticar as suas pernas diante de uma lareira para conversar à vontade parasse na rua para apertar a mão de uma multidão de crianças uma por uma é revelador do seu amor para com os pequeninos.

Evidentemente, as crianças correspondiam, ao seu amor. Assistiam às reuniões, que eram feitas principalmente para os adultos. Um dia Wesley ficou

surpreendido por achar entre 50 e 60 crianças na reunião de 5 horas da madrugada o número igual ou maior da noite “entre as mais amáveis que já vi”. Porém, Wesley fazia reuniões especiais para as crianças, mesmo onde não havia Escola Dominical, e insistia que os pregadores fizessem o mesmo.

Nas “Regras para um Ajudante”, como eram denominados os pregadores leigos, achamos as seguintes regras:

- 1- Onde há 10 crianças numa sociedade, reúna-se com elas pelo menos uma hora por semana;
- 2- Converse com elas cada vez que encontrar a qualquer uma delas em casa;
- 3- Ore sinceramente por elas (Works VIII, 316).

Depois de reunir umas 60 crianças em Redruth, ele falou delas como a esperança da geração que se levantava. Há anos atrás, no mesmo local, ele havia estado com as crianças e recordou no *Diário*: “Reuni as crianças, uma obra que exercerá os talentos dos pregadores mais hábeis da Inglaterra”. É provável que os pregadores concordassem com ele sobre a dificuldade da obra, pois lemos de vez em quando algum pregador que abandona a prática e advertência que recebe de Wesley.

Nunca foi uma virtude dos Wesley não meteram o nariz nos negócios alheios. Há a famosa história de Samuel Wesley e o general de brigada. O general estava sentado em uma mesa perto do Reverendo Samuel, usando linguagem muito suja. O ministro chamou o garção, e, em voz bem audível, para o benefício do general, mandou que ele levasse um copo com água para o general lavar a sua boca. Os companheiros seguraram o militar irado, que, segundo a história, veio mais tarde a pedir desculpas! Uma das histórias a respeito de João Wesley é a sua ação quanto a dois rapazes que brigavam. Wesley parou a briga, e fez com que os dois comessem pão e bebessem chá na mesma xícara, em sinal da sua amizade! Um dos meninos, mais tarde um magistrado de Bershire, contou o fato.

Os irmãos Wesley usaram amplamente do canto em todas as fases do seu trabalho. João se lembrava da idéia dos Moravianos que haviam descoberto “que as verdades mais importantes são insinuadas às mentes” das criancinhas por meio do canto. Carlos Wesley, que escreveu hinos sobre quase qualquer assunto religioso imaginável, também escreveu hinos visando certos grupos específicos. É natural que houvesse de preparar hinos especiais para as crianças. Jackson assim descreveu seu hinário de cem hinos, intitulado *Hinos*

para Crianças de Anos Mais Maduros: “Os hinos são plenos de instrução, porém verdadeiramente devocionais no seu caráter... A linguagem é simples, porém exata, pura e forte. Os tópicos que abarcam são as verdades e os fatos do cristianismo, especialmente no que tange á religião pessoal. Naturalmente, João Wesley fez com que os referidos hinos tivessem um lugar importante no trabalho com as crianças.

Mas, não foi só a pena de Carlos que se empregou em prol das crianças. João preparou, por exemplo, uma coleção de orações especialmente para as crianças. O prefácio desta coleção de orações, uma para a manhã e a tarde de cada dia da semana, é uma carta aberta, assim redigida.

“Minha querida criança, um admirador de tua alma escreveu algumas orações, para ajudar-te naquele grande dever. Tem cuidado de não esquecer pelo menos de manhã e de tarde, de apresentar-te de joelhos perante Deus. Tens misericórdias para pedir, e bênção para agradecer. Porém, toma cuidado que não zombes de Deus, aproximando-te com lábios, enquanto teu coração está longe Dele. Deus te vê e conhece teus pensamentos; portanto, vê que não só falas com, lábios, mas que ores com teu coração. E para não pedires em vão, vê que abandones o pecado, e esforça-te para fazer o que Deus mostrou que deves fazer; porque Deus diz: Pede, então, as bênçãos que precisas, em nome e por amor de Jesus Cristo; e Deus ouvirá e te responderá, e fará mais por ti do que podes pedir ou pensar”.

Não citaremos as orações de cada dia porém queremos notar as orações anexas, para antes e depois da refeição.

(Antes) “Ó Senhor, rogo-te, dá-me a tua bênção junto com o que tua misericórdia aqui providenciou, para que, quer coma, quer beba, ou qualquer coisa que faça, possa fazer tudo para tua honra e glória, por Cristo Jesus meu Senhor”. Amém.

(Depois) “Ó Senhor, Deus meu, louvo teu Santo nome por tua misericórdia, que acabo de receber da tua generosidade e bondade. Alimenta-me agora por tua graça, para que o fazer tua vontade, me torne comida e bebida, por Jesus Cristo, meu Salvador”. Amém.